

## **BELMIRO, UM AMANUENSE, ENTRE “BONDES E SERENATAS”**

Prof<sup>a</sup>. Me. Elaine Maciel

Prof. Dr. Elcio Lucas de Oliveira

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo apresentar resultados parciais da pesquisa de dissertação que estamos desenvolvendo no Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários – Unimontes. No romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, o narrador-protagonista Belmiro transita entre o lírico e o analista ao escrever uma “espécie de diário”, no qual o contraste entre a observação do cotidiano e as recordações dos tempos idos acaba por lhe impor antinomias que destoam de sua íntima tendência à acomodação de mero espectador da vida. Assim, a escrita de seu diário acaba por ser o resultado das percepções, contemplações e reflexões acerca do sentido das coisas e da própria existência, que Belmiro observa e interroga. Tencionamos analisar e discutir a postura dessa personagem, que perambula pelas ruas de Belo Horizonte, olha para o presente, atraído pelos acontecimentos do cotidiano, sem deixar de refletir sobre o seu passado, em Vila Caraíbas.

**Palavras-chave:** O amanuense Belmiro, Cyro dos Anjos, Belo Horizonte, Vila Caraíbas, Literatura Mineira

**Abstract:** This study aims to present partial results of the thesis we are developing the program of Master of Arts / Literary Studies - Unimontes. In the novel *The clerk Belmiro*, Cyro dos Anjos, the narrator-protagonist Belmiro moves between the lyrical and the analyst to write a "diary of sorts, in which the contrast between the observation of everyday life and the memories of times gone by just imposing antinomies they disagree with his intimate tendency to accommodation as a mere spectator of life. Thus, writing in her diary ends up being the result of perceptions, reflections and contemplations about the meaning of things and of existence itself, which Belmiro notes and questions. We intend to analyze and discuss the posture of this character, who roams the streets of Belo Horizonte, look at this, attracted by the events of everyday life, while reflecting on its past in the Caribbean Village.

**Keywords:** The clerk Belmiro, Cyro dos Anjos, Belo Horizonte, Vila CaribbeanLiteratureMining

Levando-se em consideração a concepção de cidade empregada por Barros (2009) como produtora de sentidos, tudo nela fala e expressa: “O que se vê quando se olha a cidade? O que se ouve quando se escuta a cidade?” (BARROS, 2009, p. 1) Esta é a mesma pergunta que parece ecoar em cada rua que Belmiro diz percorrer em Belo Horizonte, o que ele vê, ouve e sente diante desse cenário urbano.

Sob os olhos de Belmiro, Belo Horizonte tornou-se uma cidade das contemplações, em meio ao movimento constante de pessoas, bondes, e carros que trazem os ruídos da modernidade, Belmiro para e tenta buscar nesta atmosfera os sons doces e suaves das serenatas caraibanas. Ele olha para a cidade e parece ver apenas a monumentalidade e a beleza irradiada em

suas estruturas, não conseguindo extrair dessas algo que realmente o seduza, que o estimule a entregar-se àquele cotidiano aparentemente banal. Talvez ele depare com situações semelhantes ao que Calvino (2003) relata sobre a cidade grande,

[...] as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas, ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam. (CALVINO, 2003, p. 53)

No início da narrativa a cena descrita é de euforia, Belmiro reunido com os amigos em um bar do parque observa a movimentação das pessoas. Ao pegar um bonde observa que todos sorriam para ele, no entanto demonstravam ansiedade, rapidez, tinham pressa de chegar às suas casas. Por ser véspera de natal reflete e também questiona:

A humanidade se transfigura de súbito, neste dia extraordinário. Que elemento se introduzirá na essência das coisas para que tudo venha, assim, apresentar uma face nova e desconhecida, e para que todos os seres ganhem uma expressão especial, quase graciosa, de agitada felicidade? (ANJOS, 2000, p. 23)

Com isso ele parece chegar à conclusão de que na realidade tudo não passa de “aparências”. Nota-se que durante o decorrer dos seus trajetos pelas ruas belo-horizontinas são raros os momentos em que ele descreve o ambiente que observa, a não ser a Rua Erê. Ele não tem preocupação em descrever as paisagens que o cerca, apenas cita os nomes dos lugares frequentados e das ruas que perambula e relata sobre os episódios observados, pois o que lhe atrai é justamente a movimentação em que as pessoas estão envolvidas, principalmente quando esse movimento permite-lhe encontrar explicações para seus conflitos íntimos.

Da Rua Erê à Seção do Fomento a distância não é pequena. E, na Avenida, como sabem, faz-se baldeação, tomando-se um bonde que sobe a Rua da Bahia. Pois, durante todo o trajeto, baldeação inclusive, não vi ninguém, paguei maquinalmente ao condutor, dei maquinalmente o sinal de parada, na Praça. Como Silviano, pus-me a urdir vasto enredo, dispondo os mais insignificantes pormenores, sem dar conta de coisa alguma. (ANJOS, 2000, p. 130)

Podemos observar nesse relato de Belmiro que durante o trajeto de bonde, mesmo com as baldeações, ressalta dois pontos marcantes: o primeiro

refere-se aos gestos que por alguns momentos condiz com a própria experiência vivenciada no contexto marcado pela modernização, “maquinalmente”, ou seja, Belmiro demonstrou a fugacidade a que estão submetidas às relações das pessoas, que parecem ser conduzidas unicamente pelos interesses pessoais. Quando ele diz: “paguei maquinalmente ao condutor, dei maquinalmente o sinal da parada”, também pode demonstrar uma espécie de alusão ao processo sequencial de uma máquina, marca do processo de inovação em todos os âmbitos da sociedade. Verifica-se ainda que Belmiro não descreve as paisagens observadas durante aquele trajeto, ao dizer que preocupou-se com os mais “insignificantes pormenores”, ele refere-se as conclusões imaginárias, inclusive ele descreve minuciosamente cada detalhe sobre as meditações que estava tendo acerca do casamento entre Jorge e Carmélia.

Voltando ao cenário em que Belmiro relata sobre o episódio em um bar, o do Parque, onde em uma roda de amigos, composto por: Redelvim, Silvano, Glicério e Florêncio, tomam chope e discutem sobre os problemas que envolvem a conduta humana. Belmiro descreve esse cenário e sobre as discussões em torno da “conduta católica” e à medida que ele vai relatando essa cena, suas palavras se aproximam às de Redelvim que vê Belo Horizonte como uma cidade besta, sem atrativos.

- Cidade besta, Belo Horizonte! exclamou Redelvim, consultando o relógio. A gente não tem para onde ir...
- Não acho! retrucou Silvano. Em Paris é a mesma coisa.
- Em Paris? perguntou Florêncio. Não sabia que você andou por Paris... É boa!
- Ó parvo, quero dizer que o problema é puramente interior, entende? Não está fora de nós, no espaço! (ANJOS, 2000, p. 23).

Talvez seja esse um dos motivos que levam Belmiro a perambular pelas ruas em busca de algum atrativo. Como nos mostra também Humberto Werneck, “Não sem razão, as personagens de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, podem ser vistas nas primeiras linhas do romance, a constatar com melancolia que em Belo Horizonte não havia nada para fazer – a não ser, como elas, tomar chope no bar do Parque Municipal.” (WERNECK, 1997, p.33).

Belmiro ao observar algumas cenas do cotidiano citadino pratica talvez o que nos fala Renato Cordeiro Gomes (2008) sobre a cidade como produtora de discurso, mas na verdade Belmiro não fala sobre o que realmente está legível, ou melhor, pelo que ele observa, ele parece sobrepôr a imagem de Vila Caraíbas à de Belo Horizonte. Ou seja, ele escreve sobre o que sente diante do contexto urbano que lhe traz lembranças dos acontecimentos um dia observados e vivenciados na região interiorana. Dessa forma, ele escreve não sobre o que realmente observa, e sim sobre o que desejaria re-ver. Belmiro torna-se um sujeito que interroga e reflete sobre os acontecimentos que o perpassam. Tal percepção revela o que acontecia em seu íntimo, pois os acontecimentos que observava, como a noite de São João, as rodas morenas, o cego tocador de sanfona e até mesmo o coveiro, não apresentavam a alegria e o encanto que Vila Caraíbas possuía. Dessa forma, Belo Horizonte torna-se ainda o cenário em que Belmiro projeta suas memórias e reflexões, onde ele procura eternizar o tempo passado. E procura construir sua história, mesmo de forma inacabada.

Segundo Robert Moses Pechman em “Pedra e discurso: Cidade, História e Literatura”, a cidade “passa a representar a própria civilização na medida em que a vida urbana é vista como destino inexorável. Dito de outra maneira, a cidade é o laboratório onde a civilização moderna está sendo gestada.” (PECHAMAN, 2002, p. 2) Pode-se dizer que a cidade torna-se o berço que acolhe e estimula as transformações da sociedade e dos sujeitos que nela adormecem, ou seja, oportuniza a esses buscarem novos horizontes, saindo do estado de comodidade ou passividade para o de sujeito ativo capaz de mudar a própria trajetória e também o contexto em que está inserido. No caso de Belmiro, ele busca na cidade uma nova realidade além da vivenciada no campo, no entanto ao chegar na cidade ele não conseguiu se desprender dos momentos vivenciados em Vila Caraíbas. Sentia-se preso à tranquilidade e harmonia que aquele espaço lhe proporcionava, e como o espaço citadino em pleno processo de modernização, acaba por assinalar as atitudes dos sujeitos com a marca da fugacidade, pela busca incessante de novos ideais, Belmiro apresentava-se como um sujeito deslocado, “uma galinha sem ninho”.

Conforme podemos verificar na passagem: “ (já viram uma galinha desalojada do ninho? Como cacareja aflita, sem encontrar lugar no espaço!)” (ANJOS, 2000, p. 32)

Belo Horizonte se torna para Belmiro, um cenário de observação, análise e discurso, sobre si mesmo diante daquela realidade que o cercava. Em que suas ações são voltadas para a gestação de relatos do próprio cotidiano vivenciado.

A ação belmiriana se assemelha com a experiência do sujeito das primeiras décadas do século XX, que presenciou alterações significativas na sociedade em que vive. E aos poucos vai ocorrendo o “desenraizamento do sujeito, a perda da individualidade no meio da multidão [...]” (SOUZA, 2009, p. 64). Ou ainda conforme Carlos Antônio Leite Brandão (2009) sobre as transformações da cidade o sujeito ali inserido sentia-se como em meio à camada, fragmentado, cujas imagens e sentimentos pertencentes ao passado deixado, “prestes a desaparecer” ou desaparecido, teimam em resistir na memória. Concomitante a isso, Ferreira (2005) nos diz sobre esse sujeito moderno: “Sujeito que traz consigo os dilemas de sua época e a nostalgia da tradição abandonada.” (FERREIRA, 2005, p. 81). Tais comentários nos remetem também a dizer que quando Belmiro deseja reviver o passado por meio da escrita, reflete sobre a possibilidade de retorno a Vila Caraíbas, mas acaba se frustrando, pois, com o decorrer do tempo, percebe que sua terra natal não é mais a mesma, também foi transformada pelo presente: “Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço, leitor; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal.” (ANJOS, 2000, p. 97). Verifica-se nesta passagem uma reflexão de Belmiro perante as transformações que Vila Caraíbas sofrera com o decorrer do tempo e também as de Belo Horizonte, mas sobretudo da relação que estas transformações podem acarretar para a sua vida pacata, entre a burocracia da Sessão do Fomento Animal e a casa onde mora, na Rua Erê. Nestes ambientes escreve sobre o seu íntimo ora em confronto ora em harmonia com os fatos cotidianos.

Com os pés na cidade e os pensamentos em Vila Caraíbas, Belmiro caminha pelas ruas de Belo Horizonte a procura de algo que lhe satisfaça, mas na cidade não há serenatas, não há rodas morenas e, quando encontra algo semelhante, nunca apresentam aspectos encantados como os de Vila Caraíbas. Belmiro parece criar uma espécie de embate entre o rural e o urbano e, com isso, constrói um cenário imaginário, onde seu olhar percorre as cenas urbanas e as transforma em apontamentos diários. Seu olhar percorre a Sessão do Fomento Animal, a rua Erê, a igreja, as ruas, e tudo não passa de amostras patéticas citadinas. Segundo Eneida Maria de Souza, em “Cyro dos Anjos a verdade está na Rua Erê”,

Três letras compõem o nome da rua onde mora o amanuense, A Rua Erê, assim como traduzem o sentimento contraditório de conformidade da personagem à banalidade de sua vida miúda, expressa em tom erudito e metafísico, “a verdade está na Rua Erê”. Dividido entre a realidade e a fantasia, o que resta a Belmiro é representar papéis, praticar seu “teatro íntimo” e tentar escrever o livro já esboçado no diário. (SOUZA, 2009, p. 59).

Ou seja, é mais uma referência ao comportamento dessa personagem, pois no decorrer da sua trajetória procurava observar, indagar e analisar as pessoas e as coisas, em busca de explicações para a própria vida. Seu olhar contempla, mistura-se nas paisagens e investiga vasculhando atos e fatos de uma “cidade besta” que talvez metaforize a ascensão das mudanças e as falências de Vila Caraíbas ou do próprio Belmiro. Ele vai decompondo as paisagens belo-horizontinas apresentando-nos fragmentos de um espaço em processo de transformação e ao mesmo tempo sua relação com este espaço. Não se integra aos acontecimentos do presente apenas os contempla, entregando-se, por outro lado, às recordações dos fatos do passado. E como tenciona apaziguamento em sua vida, recolhe-se em si mesmo e apenas analisa e reflete sobre o que observa. O que permite referenciar também ao comportamento do sujeito que, assim como Belmiro, vive em um estado constante de indefinições, indagações sobre a necessidade de buscar explicações para as movimentações e acontecimentos da vida moderna. Segundo Luís Bueno, o que constitui um dos problemas de Belmiro é que “[...] ele se recusa a integrar-se à vida, mas ao mesmo tempo, anseia entregar-se a ela.” (BUENO, 2006, p. 560). O que pode ser confirmado no episódio da noite do

carnaval, quando ele é arrastado pela multidão, entregando-se às danças, bebidas e canções, que afinal o remeteram à Vila Caraíbas, mais especificamente à donzela Arabela.

Bebendo aqui, bebendo ali, acabei presa de grande excitação, correndo atrás de choros, de blocos e cordões. Não sei como, envolvido em que grupo, entrei no salão de um clube, acompanhando a massa na sua liturgia pagã. [...] Efeito de excitação de espírito em que me achava ou de qualquer outra perturbação, senti-me fora do tempo e do espaço, senti-me fora do tempo e do espaço, e meus olhos só percebiam a doce visão. Era ela, Arabela. Como estava bela! A música lasciva se tornou distante, e as vozes dos homens chegavam a mim, lentas e desconexas. Em meio dos corpos exaustos, a incorpórea e casta Arabela. Parecia que eu me comunicava com Deus e que um anjo descera sobre mim. Meu corpo se desfazia em harmonias, e alegre música de pássaros se produzia no ar (ANJOS, 2000, p. 37-38).

Aqui podemos averiguar que Belmiro parece desejar o encanto que sobreleva nas lembranças de seu passado em Vila Caraíbas. O que nos remete a Antonio Candido quando diz que o passado evocado por Belmiro é “[...] uma criação de sua saudade e de sua imaginação deformadora.” (CANDIDO, 2006, p. 8). Para Bueno (2006), quando Belmiro se envolve na cena do carnaval e às imagens de Carmélia/Arabela/ Camila, é como se uma janela tivesse sido aberta e depois fechada, uma vez que após esse episódio, em nenhum momento, ele ousa ter um contato afetivo com Carmélia, apenas a perseguirá com o olhar, contemplando-a nos lugares em que a encontra, como a na sorveteria e no cemitério. Para esse autor a relação que Belmiro estabelece entre a imagem de Carmélia com o mito infantil da Donzela Arabela e também com a sua namorada de infância, Camila, ou seja, a evocação do passado e também da fantasia que se encontram em uma outra realidade que não a do presente, torna-se a maneira mais propícia para se “esconder” dos acontecimentos do cotidiano vivenciado, evadindo-se para a saudosa Vila Caraíbas. Assim, Belmiro para e vai “espiando” os seres, as coisas e os fatos porque parece não querer participar desse contexto, que não lhe oferece atrativos, e o induz a uma vida de reminiscências e fantasias, solitariamente projetando-as no diário.

Dessa forma, a escrita belmiriana apresenta-se como eixo principal que permite a Belmiro negar-se e sustentar-se perante a realidade, pois como o

presente não lhe oferece atrativos que o estimule a agir, ele evade-se da ação perante o cotidiano e entrega-se à escrita do diário, onde projeta fantasias e lembranças relativas à Vila Caraíbas, praticando e entregando-se às vidas imaginárias. Sobre esta postura que Belmiro assume sobre a vida, Candido considera que:

A atitude belmiriana resulta de uma aplicação do conhecimento aos atos da vida — entendendo-se neste caso por conhecimento a atitude mental que subordina a aceitação direta da vida a um processo prévio de reflexão. E assim, Cyro dos Anjos nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade, que até aqui tem movido uma conspiração geral para belmirizá-lo, para confiná-lo nas esferas em que o seu pensamento, absorto nas donzelas Arabelas, nas Vilas Caraíbas do passado, na autocontemplação, não apresenta virulência alguma que possa pôr diretamente em xeque a ela, sociedade organizada (CANDIDO, 2000, p. 17).

Podemos dizer que essa é uma postura muito comum aos intelectuais da época, pois, como não conseguiam se adaptar à realidade, confinavam-se em um mundo de reflexão, análise, leituras e escritas sobre si mesmos e também sobre a vida, principalmente no que concerne a sua vida passada. Belmiro, assim como muitos de seus contemporâneos, encontra-se no embate da própria criação imaginária com os seus conflitos perante a realidade. Se nos atermos ao relato que Belmiro faz sobre os acontecimentos do cotidiano, verificaremos que ele age como um sujeito que escreve sobre coisas aparentemente “insignificantes”, mas, nelas imbuídas, há uma declaração sutil dos conflitos que perpassam em sua vida e a realidade sem atrativos que lhe é apresentada. Ele declara ironicamente a Redelvim:

- Afinal, que é que você é, na ordem das coisas? Perguntou-me.  
- Talvez um “individual socialista”, respondi, para lhe satisfazer. Você achará absurdo, mas não encontro vocábulo que me defina. Talvez esses dois juntos sirvam para isso. Se vier a revolução, não é preciso, porém, que me deportem ou me fuzilem. Sou um sujeito inofensivo, para todos os regimes... (ANJOS, 2000, p. 113).

Acerca disso, podemos dizer que Belmiro assume um papel de sujeito espectador que olha de longe e fica apenas espiando os acontecimentos da cidade, sem se envolver.

Dessa forma, o posicionamento de espectador da personagem Belmiro pode ser visto como o do posicionamento do sujeito que entre o passado e o presente, experimenta um entre-lugar de reflexão acerca de si mediante o

tempo que o envolve. Assim, Belmiro assume uma postura de um sujeito mergulhado em si mesmo nos anos 30, que é ancorado pelo passado e fica à margem dos acontecimentos do presente, por não conseguir se integrar à sociedade com atos que não sejam os de ordem “sentimental”, configurando a questão da relação entre a alma do herói e o mundo, que Georg Luckács discute dentro da tipologia do romance e que é mencionada por Afonso Henrique Fávero em sua dissertação de mestrado “A prosa lírica de Cyro dos Anjos”. Fávero diz que, por Belmiro se integrar no romantismo de desilusão, que dá ênfase à interioridade do herói, isso o leva a compor o diário misturando diversos fatos como o passado e o presente, o lirismo e a nostalgia, a realidade e a fantasia, sendo que “Toda a matéria narrada está invariavelmente implicada em iluminar sua alma.” (FÁVERO, 2002, p. 42), mesmo que para isso utilize disfarces cavilosos no seu diário, que também pode ser relacionado à sua atividade de espectador perante as paisagens belo-horizontinas.

Assim, o diário de Belmiro traz as contemplações do olhar belmiriano sobre Belo Horizonte que é, na verdade, uma representação de si mesmo, de forma que, quando sugere não estar adaptado às novas paisagens, é porque a imagem de si mesmo é que prevalece. Belmiro vive em um processo constante de conflitos, principalmente no que concerne aos aspectos relacionados ao seu posicionamento perante os acontecimentos e transformações pelas quais passam a nova realidade vivenciada por ele. Mediante esse quadro, sente-se podado e inerte, não consegue lidar, ou melhor, se interar com as movimentações do espaço cosmopolitano.

Permeado de anseios do passado em Vila Caraíbas, Belmiro comporta-se como um espectador dos fatos em busca de detalhes que lhe tragam saciação para seu íntimo. Sendo que estas aspirações se encontram justamente em fatores que lhe proporcionam tranquilidade e pacificação do espírito, levando-o a percorrer a cidade em busca de detalhes caraibanos, porque seus pensamentos ainda estavam entre as essências, os aromas e as cantigas daquele local onde reinava os encantos necessários para a harmonia entre o seu íntimo e suas ações.

Diante disso, Belmiro parece estabelecer um confronto entre os momentos que vivenciara em Vila Caraíbas com os observados em Belo Horizonte. Sob a ótica belmiriana, cada acontecimento do presente são meros momentos que lhe revelam uma realidade insossa utilizada como objeto de análise para compor sua escrita. Onde ele não só relaciona as observações feitas sobre os fatos do cotidiano com os do passado, como também as utiliza como catalisadores para preencher os vazios do seu íntimo que apenas espera à margem outros acontecimentos que talvez possam trazer a realização de seus anseios.

Belmiro recorre à escrita como refúgio e aconchego para sentir-se amparado diante dos próprios conflitos e antinomias sobre o “novo e velho mundo”. Inicialmente, com o plano de escrever um livro de memórias, mas, desde o início, da narrativa apresentava descrições sobre acontecimentos do cotidiano. Tendo em vista que Belmiro apresenta certa angústia em relação ao seu posicionamento perante a própria vida. A opção pelo diário parece ter sido de forma estratégica considerando que este tipo de escrita responde “[...] a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Frequentemente, aliás, esses três aspectos se combinam.” (CALLIGARIS, 1998, p.43). E Belmiro necessita de algo que preencha seus dias, pois o diário apresenta um caráter infundável e sem linearidade dos fatos, ocupando seu tempo com ações de cunho imaginário misturadas às reflexões e análises daquilo que “espia inexoravelmente”. Além disso, registra nele as confissões que perpassam em sua intimidade e que não são manifestadas devido ao excesso de timidez. Como o próprio Belmiro afirma: “Este caderno, onde alinho episódios, impressões, sentimentos e vagas idéias, tornou-se a minha própria vida, tanto se acha embebido de tudo que há de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância.” (ANJOS, 2000, p. 99). Nesse diário, Belmiro mostra-se como um sujeito seguro, com capacidade de controlar os acontecimentos de sua vida da maneira que lhe convém, deixando de lado o envoltório de insignificância, colocado por ele mesmo, do seu cotidiano, diferente de apenas contemplar a cidade. Belmiro é um observador dos fatos, dando a vida uma conotação reflexiva. E seu intimismo não significa

necessariamente virar as costas à realidade, mas de vê-la por uma outra ótica, a de um intelectual que tenta se libertar pela escrita, e que ironicamente diz: “Ora bolas”!

Após sair pelas ruas angustiado crendo que já tinha escrito “tudo” que havia em si, encontra um vira-lata com uma lata presa no focinho. Tal situação conduz Belmiro há interrogações e reflexões, “Que pensaria ele, naquela situação? O mundo através de uma lata de lixo, não deve oferecer paisagens atraentes, ou aromas amáveis.”(ANJOS, 2000, p. 211). Em seguida, chega à conclusão que aquele ser, um cachorro “excomungado”, atraiu seu olhar porque alguma coisa os liga. Percebe-se nesta prática o que postula Sartre acerca do ato de interrogar como uma ponte lançada entre dois seres,

Toda interrogação presume, pois, um ser que interroga e outro ao qual se interroga [...] interrogamos o ser interrogado sobre alguma coisa. Esse sobre o que faz parte da transcendência do ser: interrogo o ser sobre suas maneiras de ser ou seu ser(SARTRE, 1997, p. 45).

Ou seja, Belmiro procurava respostas de indagações sobre a vida relacionando-as com a postura de um cão. Na verdade, vê a imagem dele projetada no cachorro, pois se sente abandonado assim como um vira-lata que, além de estar sempre a procura de refúgios e na busca destes sente-se preso ao passado como se tivesse uma lata presa na cabeça, ficando restrito a um “pequeno mundo”. A lata para o cachorro naquele instante não revelava coisas boas, como um encontro de restos de alimentos para saciar sua fome, mas sim um obstáculo, preso justamente em seu focinho. Belmiro encontrava-se em situação próxima ao do cachorro, pois vivia procurando “coisas” para saciar não as carências do corpo, mas da alma. Portanto, a lata que prende Belmiro pode ser tanto o passado em Vila Caraíbas, como também a própria rua Erê, e ele chega à conclusão de que sua vida é restrita, “Minha vida se reduz a Emília, Carolino, Giovanni e Prudêncio. Isto é: encolhe-se na rua Erê, como dentro de um caramujo.” (ANJOS, 2000, p. 210). Poderíamos dizer ainda que, talvez Belmiro vive a perambular pelas ruas como um vira-lata em busca de “novidades” que supram suas angústias. A imagem de desajustado e marginalizado aos acontecimentos levou-o a estabelecer uma relação com a imagem do cachorro. E como parece ter dificuldades para adaptar-se às

movimentações e transformações que a cidade proporciona, entre bondes e serenatas, os pensamentos belmirianos percorrem as ruas belo-horizontinas em busca de outros sorrisos além dos que estão no “bonde Calafate”, pois pelo seu pensamento tudo não passa de aparências de “felicidades agitadas”, e nesse momento ele também reflete sobre seus conflitos perante a vida. É o que podemos perceber quando Belmiro tenta resgatar o passado de Vila Caraíbas no cotidiano belo-horizontino. Caminha pelas ruas e entre bondes e serenatas se entrega às lembranças do tempo perdido. E entre reflexões e busca de explicações para os conflitos interiores é conduzido a um labirinto de “arrancos e fugas” de uma realidade que não o satisfaz.

O que hoje me sucedeu é bem um sinal dessa luta interior. Eu ia, atento e presente, em busca de um bonde e de Jandira. Foi só ouvir uma sanfona, perdi o bonde, perdi o rumo, e perdi Jandira. Fiquei rente do cego da sanfona, não sei se ouvindo as suas valsas ou se ouvindo outras valsas que elas foram acordar na minha escassa memória musical (ANJOS, 2010, p.33).

Verifica-se que, da mesma forma que as ações do vira-lata fez Belmiro refletir sobre as “coisas complicadas” da alma, o sanfonista trazia em suas músicas a recordação de Vila Caraíbas, o que o faz refugiar-se para outro tempo e espaço em busca de “um mundo de doces harmonias”.

Dessa forma, nas ações de Belmiro há uma infinidade de sentidos para serem explorados além do que ele vê, pois cada imagem é resultado de uma relação de diversos elementos, inclusive de lembranças e experiências passadas. Seja escrita ou subscrita, a cidade é um grande centro imaginário para Belmiro que busca, em suas paisagens, inspiração para compor sua arte de escrever. Assim, ele olha para as paisagens belo-horizontinas, relaciona-as com as de Vila Caraíbas, e como demonstra ser um sujeito de grande sensibilidade, absorve as sensações emanadas por elas, criando uma “nova realidade” por meio da escrita, em que é estabelecido um elo entre o passado, o presente e o imaginário, onde Vila Caraíbas, que sempre invade o seu olhar e os pensamentos, apresenta-se como um subterrâneo da memória e do desejo projetado no cotidiano da capital mineira, o que o torna inerte perante a vida, e o melhor seja observá-la, analisá-la e depois registrá-la através da escrita para que não se perca no tempo e no espaço. O passado está presente

em sua vida como uma ponte, que suscita e ressuscita através de aromas, de músicas ou de uma moça bela, a imagem de emoções sentidas e vividas. E mesmo que Vila Caraíbas se coloque como possibilidade através de reflexos presentes em sua memória, é um espaço sem retorno. É espaço de tempo passado. Entretanto, configura-se como um espaço de confluências não apenas de tempo, mas de emoções e são estas que ativam a percepção para outras paisagens.

Dessa maneira, Belmiro deixa em sua escrita manifestações de seus ecos de desejos por duas paisagens: Belo Horizonte e Vila Caraíbas, em que seu olhar transita pelo cotidiano da cidade, na qual “cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória” (CALVINO, 2003, p. 22) cujas confluências entre passado e presente proporcionam vestígios que lhe permitem por alguns instantes celebrar a vida, pela escrita.

## Referências

- ANJOS, Cyro. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Garnier, 2000.
- BARROS, José Márcio. *Ver e ouvir a cidade*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19558-4.pdf>. Acesso em: 25 de fev. 2011.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Revista de estudos históricos: Arquivos pessoais*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainard. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CANDIDO, Antonio. Estratégia. In: ANJOS, Cyro. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Garnier, 2002, p. 13-18.
- FÁVERO, Afonso Henrique. *A prosa lírica de Cyro dos Anjos*. 1991. 153 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991
- FERREIRA, Maria Rosilva Santos. *Memórias de Cyro dos Anjos: vida e obra*. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

PECHAMAN, Robert Moses. "Pedra e discurso: Cidade, História e Literatura". *Revista Semear* 3 - Disponível em: [http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/3Sem\\_06.html](http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/revista/3Sem_06.html) . Acesso em: 25 de Out. 2010.

SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. Cyro dos Anjos: a verdade está na Rua Erê. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. p. 56-69.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Elaine Maciel é professora graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual de Montes Claros. Mestre em Letras/Estudos Literários, com ênfase em Literatura Brasileira, também pela Universidade Estadual de Montes Claros.

Elcio Lucas é Doutor em Letras (Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2005). Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo (1995). Licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo (1997). Membro do corpo docente do Mestrado em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Também atua na graduação da UNIMONTES e da Faculdade de Ciências e Tecnologia - FACIT (Fundação Educacional Montes Claros-FEMC). Desenvolve pesquisa sobre os autores Cyro dos Anjos, Ferreira de Castro, Euclides da Cunha e Clarice Lispector. Monge Zen Budista, ordenado no mosteiro Eitai-ji, Nice, França, em dezembro de 2011 pelo Mestre Zen Igarashi Ryotan (Tokudalgarashi). Compositor de música popular, tem músicas gravadas pelo Grupo Raízes, Aline Mendonça, Fatel, Rogéria Holtz.